



RELATO DE UMA VIAGEM AO RIO SÃO FRANCISCO

Antônio Eduardo Leitão Navarro Lins¹
Maria Devanir Estrela²

esta vida é uma viagem
pena eu estar
só de passagem

Paulo Leminski³

1

Viajar é bom. Quem viaja aprende com as experiências colhidas ao longo do percurso. Este será o relato de uma viagem, realizada por um casal de namorados, orientada pelo curso do rio São Francisco. Viagem de férias empreendida por um professor e uma professora, durante vinte dias, entre as comemorações do Natal de 2009 e o ano Ano Novo de 2010, estendendo-se pela primeira quinzena de janeiro. Este texto apontará, também, para um percurso de leituras sobre a constituição das identidades, da maneira como era concebida na Idade Média, passando pela Modernidade, até chegar ao tempo presente que alguns designam como Pós-moderno. E, desse percurso de leituras, o que se evidencia é que os conceitos também viajam, sofrem modificações ao longo do tempo. De acordo com o estudioso Tomaz Tadeu, conceitos como identidade são móveis. “A *identidade, incluindo a identidade sexual, torna-se uma viagem entre fronteiras*”.⁴

Sempre ouvíamos, na escola, que o rio São Francisco era o Rio da Integração Nacional, navegável de Pirapora, MG, até Sobradinho, no estado da Bahia, já próximo da divisa com Pernambuco. Sabíamos, também, que este rio foi a estrada fluvial que trouxe para São Paulo os imigrantes nordestinos. Cortando vários estados brasileiros, o rio está intrinsecamente relacionado à constituição da identidade do nosso país e nós estávamos indo ao seu encontro no afã de navegá-lo. Não sabíamos ao certo se acharíamos um barco. Saímos de Curitiba, de ônibus, como mochileiros. Na bagagem, pouca roupa e alguns livros.

Maffesoli, ao discorrer sobre o nomadismo medieval, percebe, nas viagens, a manifestação de uma pulsão que, segundo ele, faria parte da estruturação antropológica do ser humano.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Técnico Pedagógico da Superintendência da Educação do Estado do Paraná. E-mail: duan@seed.pr.gov.br

² Especialista em Proeja pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Técnica Pedagógica do Departamento da Diversidade da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. E-mail: profestrela@seed.pr.gov.br

³ LEMINSKI, Paulo. *La vie em close*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

⁴ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*, p. 107.



O nomadismo não se determina unicamente pela necessidade econômica, ou a simples funcionalidade. O que o move é coisa totalmente diferente: o desejo de evasão. É uma espécie de ‘pulsão migratória’ incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade. A confrontação com o exterior, com o estranho e o estrangeiro é exatamente o que permite ao indivíduo medieval viver essa pluralidade estrutural que cada um tem adormecida dentro de si.⁵

O que nos motivou a ir para a estrada (e para o rio) foi o desejo de conhecer melhor o nosso país. Queríamos conhecer o Velho Chico e conhecer outras facetas do Brasil, além daquelas celebradas pela mídia que exalta as belezas do litoral nordestino. Ao contrário, nós estávamos buscando pelo sertão. Queríamos adentrar nas paisagens descritas por Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós. No entanto, o desejo de evasão, indicado por Maffesoli, também se agregava aos nossos motivos: necessidade de respirarmos ares novos, distantes de nossos ambientes de trabalho. Também, evasão da euforia humana das festas de final de ano, quando todos correm para as lojas, assegurando no consumo uma felicidade e uma solidariedade que, aos olhos mais críticos, soa falsa.

“Valei-me, minha menina Jesus
minha menina Jesus
minha menina Jesus,
valei-me.
(...)
Vai, viaja, foge daqui
que a felicidade vai
atacar pela televisão
E vai felicitar, felicitar
felicitar, felicitar
felicitar até ninguém mais
respirar.
Acode, minha menina Jesus
minha menina Jesus
minha menina Jesus
minha menina Jesus, acode”

Tom Zé, *O Pirulito da Ciência*.

É de se lembrar que, de acordo com Maffesoli, “*a errância, em relação aos valores burgueses estabelecidos, pode ser um penhor de criatividade para aquilo que concerne à pós-*

⁵ MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, p.51.



modernidade”⁶ Já na primeira etapa da nossa viagem, rumo a Belo Horizonte, pudemos divisar as diferentes condições do nosso povo. Íamos confortavelmente instalados em um ônibus classe A. Sobre nossos assentos macios, víamos a paisagem correr pelas amplas vidraças que não se abriam por causa do ar condicionado do veículo. Tínhamos ao nosso dispor água, café e um kit lanche que nos foi entregue na hora do embarque, contendo um sanduíche, uma barra de cereais e um pacote de bolachas doces. Quando, após passarmos a cidade de São Paulo, fizemos uma parada para o lanche, percebemos a diferença: todos os passageiros desceram, buscavam esticar as pernas, procurando pelos banheiros da lanchonete ou aglomerando-se em frente aos balcões onde, solícitos, atendentes serviam a porção escolhida por cada um. Conversando com minha namorada, observamos a inflação nos preços do que ali nos era oferecido para lancharmos, comparado com os preços dos mesmos produtos praticados nas lanchonetes curitibanas. No grande pátio, estacionado ao lado do nosso, um ônibus da mesma empresa, que fazia a linha Petrolina – São Paulo, transportava os passageiros que faziam sua viagem na terceira classe: do veículo bem mais antigo do que aquele em que estávamos, poucos passageiros desceram. O que vimos foi um movimento de abrir de janelas e de lançar por elas, para o chão, os resíduos que sobravam daquilo que eles comiam no ônibus mesmo: garrafas pet, copos descartáveis, embalagens diversas de salgadinhos e bolachas, cascas de frutas e ossos roídos de galinha.

2

Nossa primeira parada foi em Minas Gerais, na capital. Conheci os parentes dele, tive medo do que eles pensariam sobre mim, uma vez que eles não sabiam que eu estava viajando em sua companhia. Fiquei com receio de ter sido confundida com uma acompanhante qualquer dele, pois ele não me abraçou perto deles em nenhum momento, e nem apontou nenhum indicativo que era meu namorado (hoje, sei que ele é tão inseguro e encabulado quanto eu, em relação a sentimentos). Segui a viagem com ele com essa sensação, que ia e vinha, de acordo com nossas descobertas de nós mesmos e dos significados do que estávamos fazendo juntos em uma viagem tão inusitada.

Em Belo Horizonte, ficamos pouco tempo, o tempo de almoçarmos com os parentes dele e de conversarmos com eles no período da tarde. Partimos para Manga, no norte de Minas, em busca do rio, no mesmo dia.

Após longas horas de estrada, num ônibus não tão confortável quanto o primeiro, enfim, chegamos. Manga, uma cidade pequena, um lugar gostoso, uma gente sorridente e com sua

⁶ Idem, p. 62.



juventude sedenta de sair dali. No centro da cidade, vários focos de música em alto volume: as lojas competiam entre si procurando atrair seus fregueses. Ficamos em um hotelzinho simples. Senti a cidade de uma simplicidade que me acolheu. Entretanto, ao interagirmos com pessoas do lugar, encontramos, em um bar, um homem de seus 60 anos, negro, que estava tomando uns goles. Simpático, de muitas falas, pediu ao meu companheiro uns trocados, e, em seguida, após ter conseguido o seu troco, falou para mim: eu te conheço, não vou dizer nada, mas eu te conheço! Eu, ainda achando que se tratava de uma manifestação de sua simpatia, disse-lhe: ah, me conhece?, que bom! Mas aí veio o significado. Ele piscou para mim e, como que em cumplicidade, reiterou: te conheço e você sabe de onde!... Só então eu entendi que ele estava me confundindo com uma prostituta que estava acompanhando um homem alto e branco com ares de estrangeiro (que ele imaginou ser realmente um estrangeiro) que me tinha pegado para acompanhar na sua viagem. Ele deve ter me confundido com alguma outra mulher negra, que ele tinha visto em algum outro lugar, como uma mulher prostituta.

Narro, aqui, a minha não intolerância em relação às prostitutas. Aponto, aqui, a evidência de mulheres negras (na maioria delas) na rota do tráfico de seres humanos e da prostituição. Em se tratando de localização geográfica, a maioria das mulheres negras encontra-se nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, com sobre-representação na região Nordeste:

A concentração de mulheres negras nessa região já demarca, de saída, as variáveis que descortinam as particularidades responsáveis pela vulnerabilidade desse segmento. Raça, gênero e pertencimento geográfico desenham uma situação extrema de diferenciação negativa. O subemprego, geralmente, é o que resta para a maioria dessas mulheres negras que vivem nesses lugares. O problema do turismo sexual exemplifica esta situação: sabe-se que o Brasil é uma das principais rotas do turismo sexual e do tráfico internacional de mulheres, no qual meninas, jovens e mulheres não brancas, especialmente das regiões Norte e Nordeste, são alvos fundamentais da indústria internacional do sexo. A manipulação da identidade cultural, étnica e racial é o elemento constitutivo do mercado que sustenta o aliciamento e a exploração sexual dessas mulheres nessas regiões do país⁷

Esse fato não me fez triste por parecer prostituta, me fez de novo inquieta quanto a pertencimento e representação. Meu companheiro se fez ouvinte e compreensivo e, na busca de entender esse meu ser tão inquieto, em todo tempo da viagem, se fez amoroso, mesmo no auge de minhas inquietações. Eu lhe agradeço, sempre, por isso.

⁷ SANTOS, Gevanilda Gomes. *Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI*, p. 64.



3

Marta virou puta em Pirapora, MG, nas mãos do Dr. Epaminondas, Inspetor Médico do Posto de Imigração do Estado de São Paulo. O doutor estava ali substituindo um seu colega, um médico bêbado, que conseguira a sua transferência para Santos. Como agente sanitário do governo paulista, estava ali para a inspeção dos imigrantes que aguardavam, ansiosamente, o passe para São Paulo, no imaginário dos caminhantes nordestinos, farrapos humanos, terra da promessa. Só as pessoas saudáveis ganhavam o passe e viajavam por conta do governo paulista; os demais podiam viajar, às suas expensas. Mas, como não tinham meios de custear as suas passagens, ficavam por ali mesmo, mendigando, esperançosos, ainda, na cura e no atestado do doutor que lhes garantiria o passe.

O doutor Epaminondas recebeu no seu consultório o que restara da família de Marta, após percorrem os caminhos da fome. O velho Jerônimo, seu pai estava tuberculoso. Não poderia embarcar no trem. Marta, apesar das agruras da viagem à pé pela caatinga, continuava vistosa, mulher bonita. *“Não havia nenhuma que se lhe comparasse, de pernas bem feitas, mulata bem clara, de cabelos quase lisos, os peitos empinados. (...) Tem dezoito anos, mas aparenta menos (...) se bem sintá-se nela a mulher já feita, nos olhos derramados, nos seios pontiagudos”*⁸. O doutor Epaminondas a cobiça. Fica a sós com ela. A faz despir-se e a apalpa. Mais tarde, interessado no ‘prêmio’, antes de fazer-lhe a proposta, empenhou-se em ‘ajudar’ a ela e à sua família.

Ela compreendia e a princípio quisera fugir, largar, tudo, contar a Jucundina (sua mãe). Mas refletiu e viu que então nada mais restaria aos seus, nem a casa onde viver, nem aqueles quarenta mil-réis que o médico ia lhe pagar por mês e mais o que ele dava a Tonho (seu sobrinho) para fazer recados. E, pior que tudo, desapareceria qualquer possibilidade do pai viajar e, se o pai não fosse, como iriam eles se arranjar em São Paulo. (...) Marta refletiu sobre tudo isso. Percebia que era impossível escapar ao médico. (...) Resolveu, então, quase friamente, entregar-se contra a autorização para o pai viajar e os passes para todos.⁹

Marta não pode ficar muitos dias em casa de Epaminondas. O caso era muito comentado na repartição e mesmo fora dela (...) e corria que ele pusera casa para a cabrocha. Por outro lado, seu entusiasmo passara. Ela era de todo ignorante das coisas sexuais e Epaminondas acostumara-se às mulheres da vida, sábias de todos os vícios. Chegara uma rameira nova de Januária, uma que viera da Bahia com um sargento e o largara para fazer a vida; Epaminondas andava de olho nela. E Marta tomou o caminho do cabaré e da rua de prostitutas. Como era nova por ali, apareceu uma freguesia grande. Dias depois estava doente, mas custou a sabê-lo, nada entendia daquilo. Foi Epaminondas quem a tratou (herdara aquela clientela de Diógenes), mas tão distante e frio que nem parecia o homem ansioso de quinze dias passados. Marta emagrecera e agora pintava a cara e os lábios, fizera dois vestidos e comprara uns sapatos.¹⁰

4

⁸ AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*, p. 65.

⁹ Idem, p. 183.

¹⁰ Idem, p. 187.



Vulgívaga

Não posso crer que se conceba
Do amor senão o gozo físico!
O meu amante morreu bêbado,
E meu marido morreu tísico!

Não sei entre que astutos dedos
Deixei a rosa da inocência.
Antes da minha pubescência
Sabia todos os segredos.

Fui de um... Fui de outro... Este era médico...
Um, poeta... Outro, nem sei mais!
Tive em meu leito enciclopédico
Todas as artes liberais.

Aos velhos dou o meu engulho.
Aos férvidos, o que os esfrie.
A artistas, a coquetterie.
Que inspira... E aos tímidos – o orgulho.

Estes, cação e depeno-os:
A canga fez-se para o boi...
Meu claro ventre nunca foi
De sonhadores e de ingênuos!
E todavia se o primeiro
Que encontro, fere a lira,
Amanso. Tudo se me tira.
Dou tudo. E mesmo... dou dinheiro...

Se bate, então como estremeço!
Oh, a volúpia da pancada!
Dar-me entre lágrimas quebrada
Do seu colérico arremesso...

E o cio atroz se me não leva
A valhacoutos de canalhas,
É porque temo pela treva
O fio fino das navalhas...

Não posso crer que se conceba
Do amor senão o gozo físico!
O meu amante morreu bêbado,
E meu marido morreu tísico.

Manuel Bandeira.

Não existe mais navegação contínua ao longo do rio São Francisco: as usinas hidrelétricas que foram construídas ao longo do seu leito, junto ao assoreamento do rio, devido à devastação de



suas matas ciliares, interromperam o fluxo dos navios, antes regular. Ficamos sabemos disso por meio de um adolescente, estudante do Ensino Médio, com problemas na escola por conta de sua homossexualidade, evidenciada tanto pela sua voz como pelos gestos acentuados. Ele nos manifestou o desejo de abandonar a cidade, procurar um centro maior para terminar os seus estudos e trabalhar. Foi ele que nos indicou um barqueiro, dizendo-nos que podíamos, caso assim o desejássemos, navegar o rio até Bom Jesus da Lapa. Fomos procurar o homem indicado e desistimos da empresa: o barqueiro nos levaria até a Lapa, dezesseis horas a jusante do rio, contra o pagamento da quantia de mil e duzentos reais. Desistimos. De ônibus seria muito mais barato.

Fomos de Manga para Montalvânia, ainda mais ao norte de Minas, já na divisa com a Bahia, separada dela pelo rio Carinhonha. Viagem longa por estrada de chão, lamacenta por causa das chuvas. Chamou-nos a atenção, no percurso, algumas sepulturas que vimos na frente das casas de algumas fazendas, na frente mesmo, quase coladas nas varandas. Também a reunião de pessoas nas encruzilhadas, com carroças e carros de bois, esperando pelos parentes que desciam do nosso ônibus, indo passar o Natal com suas respectivas famílias. De Montalvânia, após uma parada breve, com direito a um mergulho nas águas geladas do rio Cochá, seguimos viagem para Cocos, Bom Jesus da Lapa, Ibotirama, terra do monstro das agulhas. Neste lugar, paramos em um bar onde o assunto estava na boca do povo. O dono do bar nos disse que o monstro era um bêbado a quem ele vendia cachaça na porta, sem deixá-lo entrar. Disse que ele morava com uma amante, para os lados do rio. E que o povo das redondezas tentou linchá-lo, antes de sua transferência para a prisão de outro município. De novo no ônibus, agora indo para Xique-Xique, conversando entre nós, perguntamos-nos: que tipo de sociedade, que tipo de relações ela possibilita, que ao invés de engendrar um homem, gera um monstro que espeta sistematicamente agulhas no corpo de uma criança?

6

Nossa próxima parada foi Xique-Xique. Na medida em que íamos passando pelas cidades, as sensações iam tomando uma proporção estranha. Teve lugares em que eu já não tinha vontade de ver ou fazer nada. Tinha mais era vontade de ficar quieta em algum lugar, pensando, descansando. Xique-Xique foi um desses lugares. Meu companheiro era o oposto disso, ele precisava ver tudo. Não sei explicar o porquê, mas, como numa fixação, um dos objetivos da viagem era a passagem por Xique-Xique, lugar que o decepcionou. O rio São Francisco estava escondido atrás de um complexo de casinhas. Pareceu-nos um lugar onde se limpava e vendia peixe. Na volta que demos pela cidade, encontrei uma senhora que me parou na rua para perguntar se esse que andava comigo



pela rua era filho da d. Marta, que era muito parecido. Dessa vez, não fui compreensiva. Fiquei revoltada, pois fora, novamente confundida. Visitamos, também, o parque aquático da cidade, obra de um ex-prefeito da cidade e o lugar mais imundo que encontramos. Um balneário popular em meio ao lixo: latas de cerveja, restos de comida, fraldas descartáveis, papéis, pontas de cigarro, garrafas plásticas, pratos e copos, tudo o que se imagina largado pelas mesas, jogados no chão. A fixação dele pela cidade terminou num poema:

De passagem por Xique-Xique

Aqui, nada é chique
salvo o Velho Chico
com o seu estuário
que a cidade esconde
sob o casario
na beira do cais.

Casas mal cuidadas
escondem o lago
das curiosas vistas.

Não matou a fome
do viajante avaro.

Saio daqui triste.

7

De Xique-Xique, já para o final da nossa viagem, rumamos para Paulo Afonso. Durante a viagem, fomos proseando com um cidadão, negro, sem dentes, caminhoneiro. Puxava terra dos rios secos da caatinga. Estava indo para Aracaju, cobrar uma dívida do proprietário de um caminhão para quem prestara serviços tempos atrás. Disse que estava sendo enrolado e, então, estava indo cobrar a dívida pessoalmente. Contou-nos o seu Natal, coisa triste. Recebeu um dinheirinho pela areia retirada e pagou os dois rapazes que o ajudavam, duzentos reais para cada um. Com o que sobrou na sua mão, foi para casa e pediu para o filho comprar um frango e uma garrafa de pinga no armazém, aquilo seria a sua ceia de natal. Para o seu azar, o gás terminou. Ele não tinha a grana para trocar o bujão. Sua mulher o abandonou, levando junto consigo o filho.

Em Paulo Afonso, nos passeios que fizemos, aproveitamos a oportunidade de visitar a usina da Companhia Hidrelétrica do São Francisco. Ficamos impressionados com a sua imponência e a grandiosidade dos seus geradores. Na entrada da usina vimos um monumento que, estampando a briga de um touro com uma sucuri, representava a briga do progresso (o touro) com a sucuri (o Velho Chico que serpenteia sertão adentro). Ali, no coração da usina, nossa viagem refluiu. É que



um casal, dentre o nosso grupo de turistas, nos presenteou com o livro do Jorge Amado, *Seara Vermelha*.

Toda a família de Marta, junto com os demais camponeses, se viu obrigada a abandonar as terras em que trabalhavam, pois as mesmas tinham sido vendidas pelo seu proprietário, morador de São Paulo. Este foi o motivo forçado da sua viagem, sertão adentro, procurando o Velho Chico, que os levaria à Pirapora de onde pensavam em seguir de trem para São Paulo, “*onde dizem que existe terra de graça e dinheiro farto*”.¹¹

Ela não sabia que, pela fome, perderia muitos dos seus no caminho, tampouco que o seu destino seria o cabaré das putas de Pirapora.

8

Nossa viagem pelo Rio São Francisco chegou ao fim. Finalizamos com a viagem dos conceitos.

Vimos, ainda que *em passant*, como Maffesoli se reportou a uma pluralidade estrutural que, na Idade Média, cada indivíduo trazia dentro de si. Essa pluralidade era constitutiva do conceito de identidade. No séc. XVIII, o desenvolvimento técnico e científico possibilitou, ao homem iluminista, a certeza acerca de alguns fenômenos, assim, ele pode, numa operação de pensamento, projetar para a humanidade futura uma época de bem estar, livre das adversidades e dos perigos que a natureza colocara até então para os seres humanos, se possível, livre da dor, do desprazer, com a expansão de uma vida saudável para todos, com a superação daqueles hábitos mais rudes dos povos designados como bárbaros. Entrávamos nos domínios da modernidade, quando, no domínio do pensamento racional, se formulava um projeto civilizatório que, desde a Europa, tinha a ambição de melhorar a espécie humana. O mesmo Maffesoli nos dá conta de que são numerosas as ocasiões em que podemos 'soltar as amarras', em que nos exilamos ou fugimos a fim de restituir o sabor da vida que nos foi furtado pela rotina. Segundo ele, a modernidade desviou os nossos olhos do caráter equívoco da vida, sua ambigüidade fundamental e, também sua polissemia. “*O indivíduo devia ser um. Sua vida e sua ação funcionavam segundo uma lógica da identidade*”¹².

Também Bauman parece estar certo quando afirma que “*o projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Não tomou, porém, uma firme posição contra a identidade como tal, contra se ter uma identidade, mesmo uma sólida, exuberante e imutável*”

¹¹ AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*, p. 57

¹² MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, p.77.



identidade. Só transformou a identidade, que era uma questão de atribuição, em realização – fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo”¹³.

Ao longo do trajeto de nossa viagem pelo Velho Chico, pudemos verificar *in loco* os resíduos da modernidade, os despojos do progresso. O que víamos pelas cidades pelas quais passávamos comunicava-se diretamente com as linhas do romance de Jorge Amado, uma de nossas leituras de viagem. Como viajantes do séc. XXI, percebemos que, para a maioria das pessoas da margem do rio, o bem estar prometido não chegou. A eles resta, ainda, a dura tarefa da constituição de suas próprias identidades. Contra um avassalador processo de exclusão social e de falsas representações que transforma as mulheres negras e pobres de seu meio em prostitutas.

Bibliografia

- AGAMBEM, Giorgio. *Homo Sacer* : o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira* :poesias reunidas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *O que é a Filosofia*. São Paulo : Ed 34, 1992.
- LEMINSKI, Paulo. *La vie en close*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- MADEIRA, Felícia Reicher (Org.) *Quem Mandou Nascer Mulher?* : Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Gevanilda Gomes / SILVA, Maria Palmira da. *Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do*

¹³ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*, p.30.



currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.